DESVENDANDO

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO

ROCK

Queen
The Game

MARCO ANDRÉ BRIONES

VISIT...

DESVENDANDO

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO

ROCK

Queen
The Game

MARCO ANDRÉ BRIONES

ÍNDICE

INTRODUÇÃO À OBRA
DEDICATÓRIA
FICHA TÉCNICA
LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM
ORIGENS DO ÁLBUM
ANÁLISE DO ÁLBUM – FAIXA A FAIXA
PLAY THE GAME
DRAGON ATTACK
ANOTHER ONE BITES THE DUST
NEED YOUR LOVING TONIGHT
CRAZY LITTLE THING CALLED LOVE
ROCK IT (PRIME JIVE)
DON'T TRY SUICIDE
SAIL AWAY SWEET SISTER
COMING SOON
SAVE ME
O LEGADO DE "THE GAME"
CONTATO COM O AUTOR
LINK PARA A AMAZON
BIBLIOGRAFIA
PLAYLIST NO SPOTIFY
LINKS NO YOUTUBE
SOBRE O AUTOR

Introdução à série "DESVENDANDO ÁLBUNS CLÁSSICOS DO ROCK"

Caro leitor:

A ideia de criar a presente série me ocorreu quando um dia eu estava conversando com a minha amiga, Marta Secco, sobre rock e ela me sugeriu que eu deveria começar a escrever sobre o assunto, pois sabe o quanto gosto do tema, além de ter uma vasta coleção de livros e DVDs sobre as mais variadas bandas e artistas. O outro fator motivador para a concepção da série, chamada "Desvendando Álbuns Clássicos do Rock" surgiu através de um velho amigo meu, Marcelo Avedissian, que me enviou uma brincadeira através do Facebook, pedindo que listasse os meus 10 álbuns favoritos, sem qualquer tipo de comentário. Respondi que isso seria impossível, pois teria muito mais do que 10 álbuns para escolher e, principalmente, eu gostaria de explicar por que eles são especiais para mim e contar a história e origem de cada uma das canções. Assim, brotou em minha mente o conceito da série.

Percebi também que, embora eu aprecie muito descobrir novos artistas, bandas, álbuns e estilos musicais, alguns álbuns sempre acabam sendo ouvidos novamente, voltando como amigos saudosos que regressam após uma longa viagem. Considero que aqueles que farão parte dessa coluna são meus parceiros de longa data, que vem me acompanhando há décadas, através dos momentos de alegria e tristeza. Sempre estiveram disponíveis, ao meu lado, para celebrar comigo os momentos de felicidade ou me confortar em minha dor nos momentos de sofrimento.

Desta forma, pensei que uma maneira através da qual eu poderia retribuir tantos bons momentos e horas de companhia que tive durante todos esses anos seria fazer uma homenagem, um pequeno tributo, aos meus artistas favoritos e aos álbuns que mais marcaram a minha vida. Os leitores atentos notarão que não necessariamente escolherei os álbuns mais famosos ou vendidos de cada artista. Algumas vezes isso acontecerá, mas a escolha foi feita por serem aqueles que são especiais para mim, tendo entrado em minha história pessoal de uma maneira muito intensa, fazendo parte da minha formação musical até os dias de hoje.

Adotei alguns critérios para elaborar essa série: cada artista terá apenas um álbum selecionado. Iniciarei com uma ficha técnica, citando os músicos envolvidos e as faixas do álbum. Na sequência, descreverei a origem do álbum, de onde e como ele surgiu. Em seguida, farei uma análise detalhada de cada uma das faixas, finalizando com o legado deixado pela obra do artista escolhido. Serão disponibilizados também alguns links no final, para que possam ouvir

e ver os artistas em questão.

Atualmente tenho os seguintes títulos já publicados e disponíveis, que fazem parte do meu primeiro volume de álbuns analisados:

The Beatles – The White Album

Rush – Permanent Waves

U2 – The Joshua Tree

The Police - Synchronicity

Deep Purple – Made in Japan

Marillion – Clutching at Straws

Van Halen – 1984

Tears for Fears – The Seeds of Love

Genesis – A Trick of the Tail

Black Sabbath – Paranoid

Já estão sendo publicados os títulos do segundo volume, sobre os álbuns a seguir:

Radiohead – Kid A (já publicado)

Pink Floyd – The Wall

Peter Gabriel – Us

John Lennon – Plastic Ono Band

Rainbow – Rising (já publicado)

Iron Maiden – Piece of Mind (já publicado)

The Smiths – The Queen is Dead

Kiss – Creatures of the Night (já publicado)

Supertramp – Breakfast in America (já publicado)

Esse e-book é minha singela homenagem, além de uma forma de agradecimento aos anos de alegria e companhia que a obra eterna do Queen tem me dado. Espero que após a leitura do presente volume, você possa ouvir novamente “The Game” com uma nova compreensão e apreciação, conhecendo as histórias e inspiração por trás de cada uma das faixas. Tenho certeza de que você o escutará de uma outra maneira e, quem sabe, ele também venha a lhe acompanhar pelo resto de sua vida.

Desejo-lhe uma boa viagem musical!

Marco André Briones

marcoandrebriones@gmail.com

São Paulo, maio de 2021

DEDICATÓRIA

Dedico essa obra ao maravilhoso Freddie Mercury. Sem dúvida alguma ele foi o maior vocalista da história do rock, além de ter sido um insuperável showman. Como músico, era um excelente pianista e tinha um senso rítmico muito acentuado, fazendo com que suas apresentações e interpretações sempre fosse muito guiadas pelo ritmo da bateria e baixo da banda.

Foi também um compositor de primeira linha, tendo nos deixado alguns dos maiores clássicos do rock, que foram compostos por ele durante sua longa carreira no Queen.

Tive o privilégio de vê-lo ao vivo uma vez em 1985, no primeiro Rock in Rio. Nunca me esquecerei sua atuação contagiante nesse que foi um dos maiores e melhores shows de rock de toda a minha vida.

Que sua alma possa descansar em paz. Seu legado musical viverá para sempre.

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO ROCK – VOLUME 13

QUEEN – THE GAME

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO - 1980

PRODUZIDO POR – QUEEN & MACK

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- FREDDIE MERCURY – VOCAL (EXCETO FAIXAS 6 E 8), BACKING VOCALS, PIANO (FAIXAS 1, 7 E 8), SINTETIZADOR (FAIXA 1) E VIOLÃO (FAIXA 5)
- BRIAN MAY – GUITARRA, BACKING VOCALS, VIOLÃO (FAIXAS 7,8 E 10), SINTETIZADOR (FAIXAS 8 E 10), PIANO (FAIXA 10) E VOCAL (FAIXA 8)
- ROGER TAYLOR – BATERIA, BACKING VOCALS (EXCETO FAIXA 3), GUITARRA (FAIXAS 6 E 9), SINTETIZADOR (FAIXAS 6 E 9), VOCAL (FAIXA 6), PERCUSSÃO
- JOHN DEACON – BAIXO, GUITARRA (FAIXA 3), VIOLÃO (FAIXA 4), PIANO (FAIXA 3), PERCUSSÃO (FAIXA 3)
- REINHOLD MACK – SINTETIZADOR (FAIXA 6)

AUTORIA DAS CANÇÕES

Faixas 1, 5 e 7 de Freddie Mercury

Faixas 2, 8 e 10 de Brian May

Faixas 3 e 4 de John Deacon

Faixas 6 e 9 de Roger Taylor

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	**PLAY THE GAME**
2	**DRAGON ATTACK**
3	**ANOTHER ONE BITES THE DUST**
4	**NEED YOUR LOVING TONIGHT**
5	**CRAZY LITTLE THING CALLED LOVE**
6	**ROCK IT (PRIME JIVE)**
7	**DON'T TRY SUICIDE**
8	**SAIL AWAY SWEET SISTER**
9	**COMING SOON**
10	**SAVE ME**

ORIGENS DO ÁLBUM

Em 1979 o Queen era uma banda consagrada, tendo já deixado sua marca na história do rock. A banda tinha grandes clássicos em sua discografia, como o premiado “A Night at the Opera”, além de outros álbuns excelentes como “News of the World” e “A Day at the Races”.

O trabalho mais recente de estúdio da banda havia sido “Jazz”, que é considerado um álbum de transição. O baterista Roger Taylor não tinha ficado satisfeito com o resultado final de “Jazz”. Embora apresente uma sonoridade ainda do estilo clássico da banda, podemos notar que o Queen está tentando seguir um novo caminho. Algumas faixas do álbum indicam isso, tais como “Fun It”, “Bycicle Race” e outras. A banda chegou a um ponto que queria se arriscar mais e mudar o rumo musical seguido até então. Havia um sentimento entre os integrantes de que o Queen deveria ser uma banda mais espontânea, com um foco maior na clareza de suas gravações e no ritmo do baixo e bateria. O maior estimulador dessa mudança foi o baixista John Deacon, com um grande apoio de Freddie Mercury. Por outro lado, o baterista Roger Taylor e o guitarrista Brian May preferiam manter o som tradicional que eles criaram.

Existia também o desejo da banda de participar na composição da trilha sonora de um filme, pois pensavam que isso seria divertido e diferente do trabalho tradicional do Queen. O empresário da banda passou a procurar diretores interessados em terem uma trilha sonora composta e executada pela banda. Finalmente foi definido que eles comporiam toda a trilha sonora de um filme de ficção científica chamado “Flash”, sobre o famoso personagem das histórias de quadrinhos, “Flash Gordon”.

No entanto, antes de iniciarem os trabalhos da trilha sonora de “Flash” e em seu oitavo álbum de estúdio, que se tornaria mais tarde “The Game”, a banda passou um mês em Montreux mixando as faixas selecionadas de 16 shows diferentes para formar o álbum ao vivo “Queen Live Killers”.

Após o término dos trabalhos, decidiram mudar de produtor e de estúdio, a fim de viabilizar a mudança sonora que estavam buscando. Deixaram de trabalhar com Roy Thomas Baker, que tinha sido o parceiro da banda nos estúdios por muitos anos e escolheram o produtor alemão Reinhold Mack, conhecido simplesmente por “Mack”. No novo trabalho, o lema que a banda adotou foi “menos é mais”. Mack encorajou o Queen a simplificar seu processo de gravação, que

sempre fora muito complexo e demorado. Mack declarou que o objetivo dele como produtor é tirar a parte técnica do caminho dos artistas, deixando-os livres para criarem suas obras sem se preocuparem com detalhes das gravações. Além disso, o novo estúdio escolhido para as gravações, o Musicland em Munich, na Alemanha, também foi uma grande influência no novo som da banda, pois lá foram gravados grandes clássicos disco nos anos 1970, além de ser um espaço de alta tecnologia e inovador.

A banda chegou em Munich logo após o nascimento da terceira filha de John Deacon praticamente sem nenhum material preparado, o que era incomum para a banda, e com o objetivo de gravarem dois novos álbuns: Flash e The Game. Segundo Roger e Brian, quando foram para Munich as coisas começaram a desandar em termos de relacionamento entre seus integrantes. A alegria e senso de união da banda tinham diminuído, pois os músicos estavam morando em países diferentes, dificultando muito o encontro e troca de ideias entre eles. Para piorar ainda mais a situação, John disse que Brian não tocava o tipo de guitarra que ele queria em suas canções

Na primeira parte das gravações destinaram a maior parte do tempo trabalhando na trilha sonora de “Flash” e compondo as quatro primeiras faixas de “The Game”, que foram as seguintes: “Crazy Little Thing Called Love”, “Coming Soon”, “Save Me” e “Sail Away Sweet Sister”, que foram gravadas entre junho e julho de 1979. Uma outra grande inovação foi o uso de sintetizadores pela primeira vez em álbuns do Queen. O instrumento utilizado foi o revolucionário (para a época) sintetizador Oberheim OB-X. Apesar de ter sido divulgado que “The Game” foi o primeiro álbum da banda a apresentar sintetizadores, o primeiro em que tal instrumento foi usado foi “Flash”. Nesse álbum, John tocou a maior parte dos sintetizadores, embora tenha sido Roger que tenha trazido o instrumento para o estúdio. As faixas restantes de “The Game” foram gravadas entre fevereiro e março de 1980.

O produtor Mack achou que a banda era muito conservadora em seu método de trabalho. Não queriam mudar nada. Ele logo percebeu que os compositores principais eram Brian e Freddie. O primeiro era difícil de se trabalhar. Já Freddie era fácil e rápido. Brian tinha ideias brilhantes mais se perdia nos detalhes e minúcias. Roger confirmou isso, dizendo que ocorreram enormes brigas, geralmente pela demora de Brian no estúdio. Geralmente Freddie atuava como um mediador entre Brian e Roger, que sempre se posicionavam de maneiras opostas. Brian disse que deixou a banda em várias ocasiões por causa dos desentendimentos. Além disso, ele se recusou a alterar o rumo musical da banda e continuou escrevendo canções no estilo tradicional do

Queen. Ainda nessa mesma época, Roger encontrou tempo disponível para gravar seu primeiro álbum solo, intitulado “Fun in Space”.

Em agosto foram para o estúdio ensaiar para uma apresentação única em Saarbrucken, o que acabou interrompendo as sessões de gravação dos dois álbuns. Eles só retornaram ao estúdio seis meses depois. Ao regressarem, gravaram as faixas restantes para “The Game” e finalizaram “Flash”. Gravaram 25 canções, sendo que apenas 10 foram selecionadas para fazerem parte do álbum “The Game”. Inicialmente o álbum se chamaria “Play the Game”, mas Roger foi contra pois, segundo ele, daria uma impressão de que a banda apoia o conformismo e é contrária a mudanças e inovações. Dessa forma, o título acabou sendo encurtado para simplesmente “The Game”.

É um trabalho que tem apenas 35 minutos de duração, sendo o mais curto da banda e também o de maior sucesso de toda a carreia do grupo. “The Game” é um álbum eclético, completamente diferente de seus trabalhos anteriores. No mundo do rock podemos considerar que o U2 foi uma das poucas outras bandas a fazer o mesmo com “Achtung Baby”, coincidentemente também parcialmente gravado na Alemanha.

O Queen conseguiu atingir o seu objetivo de mudar o seu rumo musical com esse álbum brilhante e inovador que é “The Game”. Alcançaram novas plateias mundo afora, se reinventaram musicalmente e até mesmo visualmente, pois foi nessa época que Freddie Mercury passou a usar bigode, que acabou se tornando uma de suas marcas registradas, além de ter cortado os cabelos bem curtos. Ele continuou com esse visual até a última tour do Queen da qual ele participou, em 1986. “The Game” rejuvenesceu a banda, adicionando os sons modernos dos sintetizadores, abrindo novas possibilidades no horizonte musical dessa grande banda.

No dia 9 de dezembro de 1980, um dia após o assassinato de John Lennon, se apresentaram na Wembley Arena. Tocaram “Imagine” como homenagem ao Beatle falecido, o que deixou não apenas a plateia emocionada, como os próprios músicos da banda, que eram grandes fãs de Lennon. Posteriormente, o ex-Beatle foi homenageado no álbum “Hot Space” com a belíssima faixa de Freddie intitulada “Life is Real – Song for Lennon”.

ANÁLISE DO ÁLBUM - FAIXA A FAIXA

Play the Game

O álbum se inicia de uma forma incomum na carreira da banda: pela primeira vez em sua história o Queen apresenta sintetizadores em suas canções. Isso já fica evidente desde o primeiro segundo de audição, quando ouvimos uma abertura que tem um estilo um pouco inspirado em ficção científica, talvez pelo fato da banda ter usado pela primeira vez o instrumento nas gravações do álbum "Flash", que ocorreram no mesmo período que as do álbum "The Game". Os instantes iniciais da faixa são executados no sintetizador Oberheim OB-X, que era um dos mais modernos na época, que foi usado por inúmeras bandas em vários álbuns da época.

A temática da canção basicamente é a de que devemos fazer as coisas de nossa própria maneira e estarmos abertos para nos apaixonarmos. Porém, Freddie Mercury nos alerta que para tal, precisamos saber as regras do "jogo do amor" para nos relacionarmos com alguém.

Freddie declarou na época que estava um pouco cansado dos temas que vinha abordando anteriormente em suas canções e que, a partir deste ponto, passaria a compor mais canções sobre o amor que, segundo ele, era o elemento mais importante na vida de qualquer pessoa. Essa canção foi composta para o ex-namorado de Freddie, chamado Tony Bastin, após eles terem terminado o seu relacionamento.

Durante as sessões de gravação, Andy Gibb, um dos membros dos Bee Gees, visitou o Queen no estúdio enquanto gravavam essa faixa. Freddie o convidou para gravar os vocais com ele, que acabou aceitando o convite. Há uma gravação desse grande encontro que, infelizmente, permanece inédita até hoje.

A canção foi executada ao vivo entre 1980 e 1982, sendo substituída posteriormente por outras faixas mais recentes.

Dragon Attack

A faixa de Brian May é a mais agressiva e crua de todo o álbum. Possui um ritmo contagiante, sendo uma das mais dançantes do álbum. Surgiu de uma jam session que a banda fez no estúdio.

Freddie e John tem participações brilhantes nessa faixa. O vocalista faz uma atuação impecável, cantando a letra com muita intensidade e ritmo. Já John faz uma linha de baixo memorável, tão boa quanto a da faixa seguinte, que é a mais famosa de sua carreira.

Os vocais de Freddie, Brian e Roger também são um dos destaques dessa faixa além, obviamente, da guitarra feroz e afiada de Brian que,

em alguns momentos, parece uma navalha cortante com suas notas afiadas e fraseado veloz.

A letra não oferece nada de especial, embora seja feita uma citação ao produtor Mack. O forte dessa faixa é realmente a parte instrumental e a atuação da banda de uma maneira geral. Rapidamente se tornou uma das faixas mais queridas dos fãs em suas apresentações, tendo sido incluída na tour de lançamento do álbum e permanecido no setlist até a 1985, na tour do álbum "The Works".

Roger Taylor declarou que é uma faixa difícil de ser tocada, pois ela demanda muito fisicamente do seu pulso direito.

Another One Bites the Dust

A canção foi composta pelo baixista John Deacon. Inicialmente ele tinha apenas o riff do baixo. O produtor Mack criou um loop de bateria para ele tocar em cima e poder desenvolver a canção. Ao ouvir a nova faixa, ainda em seu estado embrionário, Freddie ficou extremamente entusiasmado, dizendo que havia gostado muito da canção e que ela era importante, mostrando disposição e ânimo em trabalhar até que ela fosse concluída. O apoio de Freddie foi fundamental pois, sem ele, provavelmente a canção não teria sido finalizada e, muito menos, lançada, pois nem Brian ou Roger aparentemente gostavam dela.

Freddie Mercury adorava essa composição. Brian declarou que o vocalista a cantou até perder a voz, pois ele se envolveu muito com a faixa e queria torná-la algo realmente especial, no que ele acabou sendo bem-sucedido.

Essa é uma das melhores linhas de baixo da história do rock, além de ser uma das mais simples. John Deacon foi claramente influenciado pela banda "Chic", que havia lançado a faixa "Good Times" um ano antes e era muito apreciada por John, que inclusive passou um tempo no estúdio com o "Chic". Deacon tocou a maior parte dos instrumentos: guitarra, baixo, piano em reverso e percussão. Brian May apenas fez alguns efeitos na guitarra no meio da canção e Roger Taylor tocou o loop de bateria. Não foram usados sintetizadores na canção que é basicamente, uma genial colaboração de John Deacon e Freddie Mercury.

A letra é uma das mais difíceis de ser compreendida, sendo praticamente impossível que possamos entender qual é o tema e o sentido da letra. Aqui, o que conta mesmo é ritmo contagiante e dançante do baixo e da bateria, tornando essa faixa um funk de primeiríssima linha. A bateria e as palmas foram gravadas em loop, sendo repetidas ao longo da canção.

Quando a banda e o produtor Mack estavam mixando a faixa, o roadie de Brian May sugeriu que ela fosse lançada como single. Na ocasião a banda não gostou da ideia. No entanto, o lendário Michael Jackson, que era um grande fã do Queen e sempre os assistia ao vivo quando eles se apresentavam em Los Angeles, encontrou a banda após uma de seus shows e lhes disse que eles deveriam lançar a canção como um single. Jackson e seus irmãos não paravam de dizer que a canção era sensacional e que eles deveriam lançá-la como single, pois o sucesso seria imediato. A banda finalmente foi convencida, embora Roger ainda tenha sido contra, pois afirmava que a canção não representava o trabalho da banda. Há rumores que ele detestava a criação de John Deacon. No entanto, posteriormente ele desmentiu tais rumores, dizendo que ele mesmo já havia feito algo semelhante na faixa “Fun It” do álbum “Jazz”. Disse que não tinha nada contra a faixa, só não queria que ela fosse lançada como single. Porém, Freddie e John gostavam dela, pois apreciavam o funk que estava se tornando popular nos clubes em todo o mundo. Roger e Brian queriam manter o estilo de rock pesado característico do Queen.

John Deacon declarou que Roger Taylor era contra a batida da canção e havia detestado ter de abafar o som de sua bateria para que fosse obtido o som que John buscava para essa faixa, na qual ele não queria a bateria tradicional, muito poderosa e marcante de Roger, apenas uma marcação constante e dançante.

Finalmente a canção foi lançada em um single e provou que Michael Jackson tinha razão. Foi um sucesso imediato em todo o mundo e chegou ao primeiro lugar das paradas dos EUA e em muitos outros países. Acabou se tornando o single de maior êxito de toda a carreira da banda, tendo vendido mais de 7 milhões de cópias. Foi a primeira faixa da banda que se popularizou na comunidade negra dos EUA, realmente trazendo muitos novos fãs para o Queen, pois muitas pessoas que não conheciam a banda juravam que era um negro que estava cantando a canção.

Essa canção foi tocada ao vivo desde o seu lançamento até a tour final do Queen com Freddie Mercury em 1986.

Algumas curiosidades sobre a faixa: os produtores do filme “Rocky”, queriam usá-la no filme, em uma cena em que Sylvester Stallone aparece treinando. Como a banda não aprovou tal uso, tiveram de contratar da banda “Survivor”, que acabou compondo “Eye of the Tiger”, que acabou também se tornando um sucesso.

Outro fato interessante é que a canção de John Deacon é usada nos treinamentos de reanimação cardíaca, pois sua linha de baixo e bateria são executada em 110 batidas por minuto, que é taxa recomendada de batimento cardíaco em tais treinamentos.

Need Your Loving Tonight

Uma faixa de John Deacon. Mais uma vez o baixista mostra sua grande habilidade e talento para compor canções de fácil assimilação pelo público. John sempre teve um ótimo ouvido para melodias e composições perfeitas para serem executadas nas rádios. Essa faixa não é exceção.

Embora não seja uma das mais famosas do álbum, ainda assim é muito boa, com a banda toda apresentando uma ótima interpretação. A letra conta a história de um relacionamento que chegou ao fim. A mulher da relação decidiu se separar, mas seu ex-companheiro não consegue viver sem ela, sentindo muito a sua falta. Ele ficou arrasado ao receber a carta de sua ex-companheira, a tendo lido inúmeras vezes, procurando significados ocultos nas entrelinhas.

Executada poucas vezes durante a tour do álbum “The Game”, rapidamente foi descartada, tendo sido substituída por outras faixas mais populares.

Crazy Little Thing Called Love

Freddie compôs esse grande clássico do Queen quando a banda estava gravando em Munich na Alemanha. Um dia ele estava tomando um banho de banheira do hotel quando, repentinamente, surgiu a inspiração para a faixa. Ele chamou seu assistente e lhe pediu que trouxesse um gravador e um violão Ovation surrado e desafinado que sempre era deixado no quarto de Freddie para casos de “emergências criativas”. O vocalista saiu da banheira, se enrolou na toalha e compôs a canção no ato, ainda molhado do banho.

Logo em seguida ligou para Roger e John, pedindo que eles fossem imediatamente para o estúdio para gravar sua nova composição antes que Brian chegasse ao estúdio. A gravação foi realizada em apenas dois takes, com Freddie, John e Roger. Quando Brian apareceu no estúdio a faixa já estava praticamente pronta, restando a ele apenas gravar o solo de guitarra.

O produtor Mack pediu para Brian usar uma guitarra Fender Telecaster e um amplificador Mesa Boogie para o solo. Brian reclamou muito, mas acabou aceitando. Posteriormente reconheceu que a escolha do produtor foi acertada, pois tais equipamentos lhe deram exatamente o som clássico dos anos 1950 que Freddie buscava para a canção, que é um tributo à Elvis.

Freddie declarou que conseguiu compor uma boa canção pelo fato de conhecer apenas alguns acordes no violão. Segundo ele, tal limitação lhe auxiliou pois o forçou a ser mais disciplinado e criar a canção dentro de uma forma mais simples, já que não precisava ficar

escolhendo entre muitos acordes. Disse que levou entre 5 e 10 minutos para compor a faixa, que acabou se tornando uma das mais famosas da carreira da banda. Essa também foi a primeira canção em que Freddie tocou violão e guitarra. Ele também gravou o solo de guitarra original, mas ele desapareceu em meio às gravações. Desta forma, Brian acabou tocando o solo que acabou sendo lançado.

Essa foi a primeira faixa a ser gravada para o álbum, tendo sido lançada muito antes deste. Na realidade, podemos afirmar que "The Game" foi construído em torno dessa canção. Inicialmente essa faixa não foi lançada nos EUA. Porém, as rádios começaram a tocar o single importado, forçando a gravadora a disponibilizar a canção 3 meses após seu lançamento na Inglaterra, onde havia alcançado o segundo lugar das paradas. Nos EUA, chegou ao primeiro lugar.

Há um rumor não confirmado, porém mencionado por Roger e Brian, de que John Lennon teria ouvido a canção e ficado inspirado a retornar aos estúdios, após uma ausência de 5 anos. Sua animação e entusiasmo com a faixa teriam o levado a gravar o último álbum de sua vida, "Double Fantasy". Nunca saberemos se isso aconteceu, embora seja verídico que Lennon ouvia os álbuns do Queen.

Uma das partes mais divertidas da canção é quando Freddie canta "Are you ready?", e os outros membros da banda respondem: "Ready Freddie". Esse foi um dos momentos mais marcantes do show tributo ao recém-falecido vocalista quando Robert Plant, vocalista do Led Zeppelin, cantou a canção com os músicos do Queen, fazendo com que toda a plateia do estádio de Wembley cantasse o nome de Freddie.

Ao vivo, Freddie tocava violão no início da faixa, acompanhado de Brian em outro violão. Posteriormente, Brian usava uma guitarra Fender Telecaster para o solo e, logo em seguida, pegava sua lendária guitarra Red Special para fazer a parte final da canção. A partir de 1984, o próprio Freddie passou a usar uma outra Fender Telecaster ao vivo. Sempre foi um dos pontos altos dos shows do Queen, pois era uma faixa que alegrava muito qualquer plateia.

Rock It (Prime Jive)

Uma faixa de Roger Taylor no estilo rock and roll básico, sem grandes surpresas musicais ou em termos de letra, que basicamente é a história de um rapaz que convida uma garota para sair para dançar em uma noite de sábado, curtindo o prazeres do velho e bom rock and roll. Tematicamente é muito próxima à faixa "Saturday Night's Alright", do álbum "Goodbye Yellow Brick Road" de Elton John, embora a letra de Bernie Taupin e a melodia de Elton John sejam muito superiores.

Por ter composto a faixa, Roger queria cantá-la. No entanto, Brian e o

produtor Mack sugeriram que Freddie fizesse os vocais, enquanto Roger e John preferiam que Roger gravasse o vocal. No final das contas, foram registradas duas versões, cada uma com um vocal diferente, a primeira de Roger e a segunda de Freddie. No álbum, ambos aparecem cantando. Freddie aparece na parte inicial, mais lenta, enquanto Roger canta o restante da canção, na parte mais pesada. No entanto, ao vivo, Freddie interpretava a faixa toda.

Nas gravações Freddie tocou órgão e o produtor Mack tocou sintetizador. Segundo ele, o instrumento foi usado pois havia muitos espaços vazios na canção e ele pensou que seria melhor preenchê-los para dar mais corpo à canção.

Foi pouco executada ao vivo, sendo apresentada apenas nas tours da América do Sul e do Norte referentes do álbum "The Game".

Don't Try Suicide

Uma canção bastante incomum e um pouco bizarra. Freddie a compôs com um toque de humor negro, pois aborda a delicada questão do suicídio. Não se sabe exatamente qual a origem dela, mas é provável que tenha sido escrita sobre o suicídio de algum amigo da banda, embora a faixa seja bastante leve para um tema tão pesado assim.

Na letra, Freddie afirma que o suicídio é um ato egocêntrico e uma perda total de tempo pois, no fim das contas, ninguém se importará se isso ocorrer. No mínimo, uma afirmação bastante controversa.

Musicalmente, a canção lembra um pouco o estilo da banda Stray Cats, por sua sonoridade próxima aos anos 1950. Além disso, a guitarra da introdução lembra bastante a de Andy Summers na faixa "Walking on the Moon", do The Police.

Talvez pelo fato de ser uma faixa polêmica, sobre um assunto sombrio, ela nunca foi executada ao vivo pela banda.

Sail Away Sweet Sister

Uma linda balada de autoria de Brian May. Uma faixa mais no estilo clássico do Queen, que poderia ter aparecido em qualquer um dos álbuns anteriores da banda.

Neste álbum fica muito claro que, enquanto Freddie e John queriam que a banda mudasse seu estilo musical, o tornando mais próximo do funk e disco, Brian e Roger preferiam manter o estilo clássico e já consagrado do Queen.

O tema da canção é a história de uma jovem moça que decide se casar e sair de casa, partindo para muito longe sua família. Não fica claro na letra se ela foi escrita do ponto de vista de um dos pais da moça ou de um ex-namorado.

Embora Brian toque piano muito bem, nessa faixa ele pediu para Freddie fazê-lo, pois ele tinha mais senso rítmico e era um melhor pianista. Essa faixa nunca foi executada ao vivo pelo Queen. No entanto, Brian May finalmente a apresentou ao vivo em um show do Guns and Roses.

Coming Soon

Essa é a canção mais antiga do álbum, pois ela havia sido iniciada na gravação do álbum anterior, "Jazz", mas nunca tinha sido concluída. Mais uma faixa de autoria do baterista Roger Taylor.

O tema inicial da faixa deveria ter sido uma canção anti-propaganda. No entanto, depois Roger mudou de ideia e o conceito acabou sendo descartado.

Foi a primeira faixa na qual usaram um sintetizador, o OB-X, trazido para o estúdio por Roger. Depois de se familiarizarem com o instrumento, todos os membros da banda passaram a tocá-lo também em suas faixas.

A faixa apresenta um vocal colaborativo de Freddie e Roger, que cantam a canção inteira juntos.

Save Me

A faixa final do álbum é de autoria de Brian May, que manteve o estilo tradicional da banda nessa faixa que é uma das mais queridas e famosas do álbum.

O tema da letra é a história de um amigo do guitarrista, cujo casamento havia terminado e gerado muita tristeza nos ex-cônjuges. Brian foi testemunha disso e decidiu compor a faixa em solidariedade ao amigo, colocando na canção os sentimentos que, provavelmente, seu amigo não havia conseguido verbalizar.

Nessa canção Brian toca a maior parte dos instrumentos, entre eles as guitarras, violões, piano e sintetizador.

Freddie interpreta a letra com muita emoção e convicção, transmitindo todo o sofrimento das palavras de Brian e efetivamente se colocando no lugar de alguém que perdeu o amor de sua vida e agora não sabe o que fazer, se sentindo totalmente sem rumo na vida.

A canção foi executada ao vivo nas tours de "The Game" e "Flash". Nessas ocasiões, Brian tocava o piano até o segundo refrão. A partir daquele ponto, Freddie assumia o piano, deixando Brian livre para assumir a guitarra e fazer seu solo.

O LEGADO DE "THE GAME"

"The Game" foi um álbum que marcou profundamente a carreira do Queen. Foi um verdadeiro marco, uma transição entre a fase mais antiga e "clássica" da banda e uma fase mais pop e acessível, o que aumentou consideravelmente o público que os acompanhava em suas tour mundiais.

Esse também foi o álbum que teve o melhor sucesso de vendas de toda a história do Queen. Seus grandes hits, como "Crazy Little Thing Called Love", "Another One Bites the Dust", "Play the Game" e "Save Me" abriram as portas para novos mercados musicais e conduziram a banda ao topo das paradas mundiais.

Após o seu lançamento, o sucesso foi imediato, tendo sido o único álbum da banda a alcançar o primeiro lugar das paradas nos EUA, vendendo mais de quatro milhões de cópias na época. O Queen foi a banda com as maiores vendas em 1980, considerado um ano muito lucrativo com vendas de ingressos e álbuns.

Outra elemento legado foi que a partir desse álbum, o Queen passaria a usar regularmente sintetizadores em suas gravações, chegando ao ponto de até mesmo contratarem um tecladista fixo ao vivo nas últimas tours que ainda tiveram a participação de Freddie.

O Queen finalmente fez sua primeira tour sul-americana, se apresentando na Argentina, Venezuela e no Brasil em 1981, pouco tempo após o lançamento do álbum. Foi um caso raríssimo de uma grande banda, em seu pleno apogeu, vir à América do Sul para fazer shows.

Na Argentina participaram de um polêmico jantar com o presidente Roberto Viola, que era membro da ditadura militar existente no país na época. Apenas Roger Taylor se recusou a participar de tal encontro. No Brasil, originalmente o plano era de que a banda se apresentasse nas duas maiores cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, infelizmente as autoridades responsáveis não concederam permissão à banda para usar o estádio do Maracanã. Desta forma, fizeram apenas dois shows no estádio do Morumbi em São Paulo, nos dias 20 e 21 de março de 1981, contando com a participação de mais de 250 mil fãs nos dois shows. O Queen somente voltaria ao Brasil em 1985 para se apresentar por duas noites no Rock in Rio 1, tendo sido a atração principal nas noites dos dias 11 e 18 de janeiro. Tais apresentações foram tão importantes que foram até mesmo mencionadas na cinebiografia de Freddie Mercury, intitulada "Bohemian Rhapsody". No filme há uma cena na qual Freddie observa a plateia do Rock in Rio cantando "Love of My Life". Eu tive o privilégio de assisti-los na noite do dia 11 e nunca me esquecerei do

show fantástico que fizeram, marcando minha vida para sempre. Fico feliz de ter participado de um dos momentos mais importantes da carreira do Queen e da vida de Freddie Mercury. Lembranças maravilhosas.

Você gostou do e-book? Então entre em contato com o autor através do e-mail:

marcoandrebriones@gmail.com

Quer ajudar o autor do e-book a escrever novas resenhas e análises detalhadas de outros álbuns clássicos? Que tal então comprar os produtos relacionados ao artista analisado diretamente no site da Amazon do Brasil? Usando os links fornecidos abaixo para suas compras você estará dando sua contribuição diretamente. Muito obrigado por seu apoio!

LINK PARA A AMAZON

BIBLIOGRAFIA

Queen – Complete Works – por Georg Purvis

Queen – Album by Album – por Martin Popoff

Queen – The Ultimate Illustrated History of the Crown Kings of Rock – por Phil Sutcliffe

Wikipedia

Queen – Uncensored on the Record – por Matters Furniss & Steve Rosen

The Queen Chronology – Second Edition – por Patrick Lemieux & Adam Unger

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS PARA O YOUTUBE

https://www.youtube.com/watch?v=6_5O-nUiZ_0

https://www.youtube.com/watch?v=_gAhvNCGK0s

https://www.youtube.com/watch?v=rY0WxgSXdEE

https://www.youtube.com/watch?v=NCol-p0jkI0

https://www.youtube.com/watch?v=zO6D_BAuYCI

https://www.youtube.com/watch?v=weAIq1Ptqb8

https://www.youtube.com/watch?v=HKmbJIYRdIo

https://www.youtube.com/watch?v=bAInsrtLv0o

https://www.youtube.com/watch?v=oZBqz0C2_CE

https://www.youtube.com/watch?v=Iw3izcZd9zU

Copyright © **2021** de **Marco André Briones**
Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.
Primeira edição, 2021

marcoandrebriones@gmail.com

SOBRE O AUTOR

Escritor, fotógrafo, professor de idiomas (inglês e francês), tradutor, intérprete, colunista, pesquisador histórico. Sem dúvida, Marco André Briones é uma pessoa com muitas habilidades e interesses variados. É também um amante dos animais, particularmente de cães e gatos, é guitarrista amador em seu tempo livre e um apaixonado pelas viagens, procurando sempre descobrir o que há de mais peculiar em cada local, registrando suas descobertas em fotos e textos.

Marco é um grande estudioso de história, idiomas e música. Desde pequeno se interessa pelo rock, quando descobriu os Beatles. Depois foi descobrindo outras bandas, artistas e estilos musicais que também são de seu interesse e agrado, como o jazz, blues, música clássica, MPB e música instrumental.

Criador da série "Desvendando Álbuns Clássicos do Rock", inovou ao realizar pesquisas inéditas no Brasil sobre os maiores álbuns de suas bandas e artistas favoritos, disponibilizando livros específicos sobre cada um deles, que são os mais completos disponíveis em língua portuguesa no mundo.

Atualmente está trabalhando no aumento de títulos disponíveis na série, assim como em outros títulos diferentes, abrangendo temas variados como o turismo nacional e internacional, história do Brasil, poesia e contos.

Email:

marcoandrebriones@gmail.com

Instagram:

@mbriones68

@marcobrionesphotography